

Allegro bárbaro

Uma única resposta se impõe: você é inevitável.
Ghérasim Luca

O Sena arrasta um corpo humano. Nessas circunstâncias, a atmosfera é solene. É um objeto que vai começar o quarto canto. O morto inflado ainda bóia. *She says, hey babe, take a walk on the wild side.* Tudo isso de repente soa tão distante. Mas ainda penso nos exaustos, nos aflitos, no lixo funerário, nos escafandristas do Sena. Penso na Exposição Universal, na Brigada Fluvial, na atendente do Instituto Médico Legal que disse, sem querer, *esse corpo esteve aqui no dia 3 de março de 1994*. Penso nos corpos sem nomes e nas geladeiras e rodas de bicicleta submersas. Hoje é fácil sorrir e dizer *profanações*. Antes, existia um espelho triste, o azul cruel, a palavra sublime. Hoje há um acampamento em fila e uma lei para o refúgio à beira-rio. Aqui, não escuto muito bem e há dias em que não posso falar sobre o que não ouço. Mas de repente escuto vozes e penso. Boukhalfa, Mokrane e Makhoulf *all those beautiful boys and pimps and queens and criminal queers* congelando na beira do canal. Penso no extravio de certos sólidos, cartas a um destinatário desconhecido. Penso nas rimas pobres e nos corpos podres e penso em você que me dá tantas provas de sua respiração e outras difíceis marcas de sua passagem. O sotaque diz o que as palavras não conseguem dizer. E as palavras não dizem o que é um sotaque. Trincheira anti-babélica? Afetação da língua? Efusão pneumática? Preguiça? E o que pode o poema numa língua cuja pátria foi banida? E ainda seria preciso entender o que circula entre o tumor e o lobo, o espadachim e o muro, a mão sobre um sexo sem jardim. O caso é que o seu nome também virou objeto de pesquisa nos trópicos. Um enorme bombom vegetal na boca da Universidade. Mas, veja bem, pode acontecer de uma boca torta anunciar uma linguagem louca. Há uma grande calma entre nós, uma nênia, um nastro, um grande olho. O observador ao observar perturba a coisa observada. O princípio de inceterza também foi um dia o nosso princípio. Hesitamos entre todas as provas. Em qual lição literário despejar a benevolência

da metalinguagem, o suor escondido atrás da parafernália crítica? Em todo caso, uma dança solitária. *Voilà qui tranche...* Tentar a carta da perda, o fôlego de uma dicção sem solo. Tentar uma distância teatral, uma cena de sombras, domingo no parque, a inocência humana de pensar. Um passeio no sexo sedoso da língua. Ou a poesia suja no sexo das putas da estação. Ou os dois e nenhum. A bem dizer, a mais cruel gagueira periga passar por rebeldia. Como fazer a língua requebrar em meio ao zelo da premissa pedagógica? Como não alisar o chão da história? Como se mover no chão nada firme nem liso do poema? Como escapar sem fugir, fugir sem se esconder? Talvez ainda me pergunte certas coisas. Cansei de ser bidimensional. Ou não. Talvez tudo não passe de uma vigilância amorosa. *Still songs to sing*. Percorrer os corredores em silêncio. As marcas do escrito como marcas de leitura. E eis que retornamos ao ponto em que éramos calmos. *Os cães flutuam no ar e aí termina a coisa; a vida segue seu curso, aqui e ali se fala de arte e de artistas, isso é tudo*. Mas há alguma coisa, no vazio, que resiste, uma palavra e o seu vagar silencioso. Eu não digo nada. Você bate. Eu pego o morto.